

«Ecos de Guimarães»

X Ano

ORGÃO MONARQUICO

Numero 35

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietário e editor

— JOÃO PEREIRA DA COSTA —

Guimarães, 18 de Setembro de 1926

Composição e Impressão

Tipografia «LUSITANIA»

Perto do Tribunal

Legítima defesa

Na sede da Associação Comercial e Industrial desta cidade, houve, na quarta-feira última, uma reunião magna de todos os comerciantes e industriais do concelho, para trocarem impressões a respeito de algumas multas ultimamente applicadas a diversos commerciantes e industriais que, por ignorância, deixaram de apresentar, uma das muitas declarações a que o complicado sistema tributário obriga nos últimos anos.

Trata-se de uma declaração indicada pelo artigo 52 da Lei n.º 8719, de 1923.

O comércio como a indústria vivem uma vida de verdadeira asfixia, tendo contribuído imenso para esse mal estar o sistema tributário, agravado e complicado, trazendo em constante sobressalto o commerciante e o industrial.

Têm os últimos governos prometido remodelar e simplificar esse sistema, constando-nos estar até uma comissão encarregada de proceder a esse estudo.

Se os próprios governos reconhecem a imperfeição das leis, não se justifica a applicação de multas sem que primeiro se dê conhecimento aos interessados das suas obrigações, verificando-se igualmente se essas faltas são motivadas por ignorância ou propósito de má fé.

Todas as leis, na verdade, se fazem para serem cumpridas, importando principalmente as do sistema tributário; mas, a forma como é exercida a sua fiscalização e a maneira como são applicadas as respectivas penalidades, sem prévio aviso, é vexatório e humilhante, devendo pois existir uma relativa equidade no espirito das leis.

A assembleia, que foi concorridíssima, enchendo se por completo o salão nobre, foi presidida pelo sr. dr. José Domingues de Araújo, secretariado pelos srs. Casimiro Martins Fernandes e José Gonçalves.

O sr. José Gonçalves expôs os motivos da convocação daquela assembleia, a convite da Associação Commercial, apresentando a seguir diversos alvitres tendentes a evitar a execução das multas.

O sr. dr. José Domingues de Araújo apontou, com largos conhecimentos, as deficiências da lei tributária e as contradicções que ela contém, julgando-a impraticável.

Falou a seguir o sr. Francisco Pereira Mendes, que esclareceu a assembleia em alguns pontos

Observações

O artigo que *A Velha Guarda* escreveu subordinado ao titulo: *Nem sustos nem receios*— resume-se e consubstancia-se fielmente nestas tres proposições: 1.ª a grande maioria da nação, inclusive o exercito, é republicana; 2.ª os monarchicos só por traição é que podem derrubar a republica; 3.ª eles pretendem triunfar para fins inconfessaveis.

Sem querermos entrar agora a discutir cada uma dessas asserções, limitar-nos-hemos a fazer umas breves observações.

Se é certo que povo e exercito, na sua maior parte, são dedicadissimos ao actual regime, para que é que a republica precisava das numerosas falanges dos carbonarios, dos civicos, dos defensores? Usando de meios tam extraordinarios de defesa, ainda diz que não tem sustos nem receios! Faz lembrar a criança medrosa que, atravessando uma floresta ou um deserto, começa a assobiar ou cantar para iludir-se de que não tem medo.

Quanto à segunda proposição é melhor não dizer nada. Bem sabemos que a traição é uma acção muito feia para os republicanos quando, praticada pelos adversarios, os prejudica; mas quando eles proprios a cometem e lhes aproveita, são capazes de a exaltar como um gesto heroico ou como um rasgo de patriotismo. Um só facto a confirmar o que asseveramos: em agosto

da lei, mostrando a complexidade da mesma, citando depois a opinião de pessoas categorizadas que, por escrito, se tem manifestado desfavoraveis às leis tributárias.

Igualmente falou o sr. Domingos Pereira Mendes, que apresentou diversas propostas.

Por fim ficou indicada uma comissão para seguir, sem demora, para Lisboa a avistar-se com o sr. Ministro das Finanças e pedir a S. Ex.ª o tempo preciso para que os commerciantes e industriais atingidos normalizem a sua situação, ordenando a suspensão das multas já applicadas.

Estamos certos que o sr. Ministro das Finanças, que reconhece a impraticabilidade da lei, nomeando uma comissão para proceder à sua remodelação, atenderá por isso tão justo pedido, evitando-se assim mais uma flagrante injustiça.

de 1910, no alto do Bussaco, muitas espadas aí lampejaram ao sol, dispostas a defender o Rei e a Monarquia e, em 5 d'outubro, ainda não passados inteiramente dois meses, essas espadas voltaram-se contra o Rei e contra a Monarquia.

Como se vê, em questões de tração, os republicanos pedem meças aos monarchicos, e não estão resolvidos a ceder-lhes a palma.

Em relação á ultima proposição, temos a dizer ao colega que, os fins dos monarchicos, quando triunfarem, não são inconfessaveis, mas bem patentes. E, se ainda os não conhece, vamos declarar-lhos, aqui, abertamente. Tome nota, e faça-os bem notorios. O que os monarchicos pretendem, quando chegarem a apossar-se do poder, é arranjar negociatas gananciosas como a da venda dos navios ex-alemães, a dos transportes maritimos do Estado, a dos Bairros Sociais, a dos fornecimentos da guerra etc.

Pois os monarchicos eram capazes de encarregar-se desse serviço, se não houvesse quem se lhes antecipasse, quando se apoderassem das rédeas do poder.

Eis aqui as observações que se nos oferece fazer á triplice proposição em que se funda todo o pensamento do artigo de *A Velha Guarda*.

Lembramos aos senhores colaboradores de que ainda existe a Comissão de Censura á imprensa, não devendo estranharem pois que os seus artigos sejam reduzidos ou modificados para poderem fazer o sentido... aproximado.

UM APÉLO

O «Ecos de Guimarães» sempre pronto a acudir á desgraça, patrocina uma subscrição a favor de uma familia extremamente pobre, que, no momento mais rude da miséria, apela para a caridade pública solicitando o nosso jornal, que, de perto, conhece. Aos bons corações recomendamos este caso, iniciando desde agora a subscrição:

«Ecos de Guimarães» . 25\$00

Pela boa Causa

Diversas vezes temos feito apêlo aos nossos amigos para contribuirem, na medida do possível, com o seu óbulo para a ajudar os monarchicos necessitados e viúvas daqueles que pela Causa deram a vida, e outros que pela sua idade e dificuldades, necessitam do auxilio dos seus correligionarios.

O «Ecos de Guimarães», já tem feito enviar algumas importancias, e todos os meses vai publicar os nomes dos benfeitores com a indicação dos donativos oferecidos.

Publicamos hoje a lista dos nomes que, em diversas datas, contribuíram, possuindo nós ainda alguns recibos que entregaremos aos referidos benfeitores.

António de Carvalho Cirne	100\$00
José Guedes de Amorim	10\$00
Tomás Pereira Lopes	10\$00
Anónimo F. P. G.	10\$00
Idem. J. P. C.	10\$00
António Martins Ribeiro da Silva	5\$00
Manuel Martins Ribeiro da Silva	5\$00
Joaquim Moreira de Castro	5\$00
Francisco M. Ribeiro de Almeida	5\$00
Soma	160\$00

Juventudes Monárquicas de Lisboa

Esta prestimosíssima agremiação, a maior associação do país, que á Causa Monárquica presta grandes serviços, acaba de iniciar um novo sorteio pela loteria do natal de um magnifico automóvel.

Os bilhetes podem desde já ser procurados na sede das Juventudes Monárquicas, em Lisboa.— Travessa das Mercês, 23, ou nesta redacção.

PARA A BOA CAUSA

BILHETES PARA O SORTEIO FEITO PELAS JUVENTUDES MONARQUICAS DE LISBOA, DO MAGNIFICO AUTOMÓVEL «OVERLAND», Á VENDA — NESTA REDACÇÃO. —

D. Violante de Barros e Castro

A' sua mem6ria

Nesta 6poca de egoismo e dissolu76o, 6 dever nosso prestar homenagem 6s almas bondosas que em vida passaram o tempo a exercer a caridade andando por essas mansardas de mis6ria a confortar os infelizes com donativos e palavras consoladoras.

Referimo nos 6 Senhora D. Violante Am6lia de Barros de E7a e Castro, cora76o grande e generoso, aberto a t6das as iniciativas da caridade crist6, que h6 poucos dias foi chamada pela Divina Provid6ncia onde por certo ter6 um lugar de paz e de recompensa por tanto bem que pelos pobresinhos espalhou.

Nascida no Castelo dos Laranjais, casa dos seus antepassados, a Senhora D. Violante de Barros era fidalga pelo nascimento e pela sua esmeradissima educa76o.

Quanto bem ela fez a fam6lias necessitadas que outr6ra viveram na abund6ncia!

De porta em porta a distribuir donativos pelos indigentes n6o se preocupava com agradecimentos, tendo sempre um gracejo para cada protegido que procurava manifestar a sua gratid6o pelo bem recebido.

Quem estas linhas escreve, disse-lhe um dia que se n6o f6ssem Ela, D. V. A. B. C., sofreria muitas priva76es... — Ora, ora, deixe-se disso; eu pouco lhe fiz. Se n6o f6ssem as pessoas minhas amigas estava bem servida! Deixe-se disso!...

Era extremamente dedicada 6 sua fam6lia, 6 qual prestou relevantes servi76os, e nos bra76os dos sobrinhos, beijando-os, exalou o 6ltimo suspiro.

Mulher inteligente, esp6rito culte, era muito comunicativa para grandes e pequenos, sempre radiante de alegria e gra7a.

Ningu6m estava triste junto daquela Senhora.

Preparada a seu pedido com os Sacramentos da Igreja, seguiu para a viagem da Eternidade, a receber o pr6mio das suas obras de caridade, como piamente creio. Porque est6 escrito — Bemaventurado o que olha pelos pobres, que no dia de contas o Senhor h6-de livr6-lo.

Precedeu-a na morte sua irm6, a Condessa de Vila Pouca, de quem foi companheira fiel e extrem6ssima.

Agora, choram os pobresinhos a sua orfanidade, e seus sobrinhos, mergulhados na acerba dor, sentem vivamente a pungente saudade.

A' Sombra da Cruz, de bra76os abertos para te receber, descansa em paz; e das flores tristes como a saudade que nos legaste, exalando perfumes, como as virtudes do teu generoso cora76o — a luz perp6tua resplande7a.

— P. F.

Casa aluga-se uma na Avenida Miguel Bombarda n.º 44, com sete divis6es e uma espa7osa loja. Para tratar na mesma Avenida, 58.

Tiram-nos a Cropa?

D6em-nos uma Escola!...

«Vai ser publicado um decreto — anunciaram os jornais do dia 14 — suprimindo v6rias Escolas Industriais e Comerciais. E acrescentava a noticia: O material escolar dos referidos estabelecimentos de ensino passa a pertencer 6 Escola Industrial de Bragan7a. Nesta escola — diz por 6ltimo a noticia — haver6 tamb6m um curso de tecelagem de linho, etc.»

Leram?

Pois agora meditem:

Fomos, com Portalegre, a primeira terra de prov6ncia a quem deram, em 1885, uma Escola Industrial;

Reconheceram desde logo que o ensino da nossa Escola Industrial devia ser « eminentemente pr6tico », dado o impulso industrial da regi6o, e d6o-nos alguns mestres estrangeiros — que n6o chegaram a praticar por n6o terem oficinas;

E' erigido em 1891 um edificio officinal; veem m6quinas e teares; decreta-se, finalmente, a cria76o do ensino pr6tico da fia76o, tecelagem, cutelaria, seralharia, cortumes e labores;

Passam os anos; e em face da « fic76o » duma parte do ensino da nossa Escola Industrial, volta um reformador oficial do mesmo ensino a falar de n6s, — afirmando que « a ind6stria de tecelagem de Guimar6es merece cuidados especiais »;

Em 1923 nomeiam-se dois mestres nacionais, que n6o entram em exerc6cio por falta de oficinas devidamente montadas;

Por sua vez as m6quinas, os teares, as caldeiras, todo esse material que veio para a Escola h6 35 anos! tudo isso, ou parte disso, para ali est6, como em armazem de sucata!

Porqu6?

Acaso Guimar6es — aquela terrinha portuguesa que desde o s6culo XII alcan7ou fama notavel de fabricante do linho — transferiu a outra terra o seu pergaminho?

Pois n6o somos ainda, no confronto do senso populacionista, a terra portuguesa que mantem o maior emp6rio industrial de tecelagem?

Ignoram os incomparaveis legisladores que fazem a pol6tica econ6mica do pa6s, aquilo que 6 e vale a nossa terra sob o ponto de vista industrial?

Se n6o ignoram, porque colocam a nossa terra, que foi a m6e do linho, em nivel inferior a Bragan7a?

Porque d6o aos outros, que valem menos, o que nos negam a n6s, que valemos mais?

Quantas vezes a imprensa — que a terra n6o tem homens publicos! — tem falado na necessidade de dar aplica76o 6 maquinaria que aqui temos, como em jazigo?

Vergonha das vergonhas! Basta de sarcasmo! Reconhece o Estado o que s6mos e o que valemos industrialmente; sabe da pen6ria do nosso ensino industrial; Em6dio Navarro, ontem, Bento Barqueira, hoje, dizem ao Estado, clamam do Estado um ensino mais officinal e menos te6rico — nada!

Estamos em nivel inferior a Bragan7a; muito abaixo de Paio Pires!

Oh!... E lembrar-se a gente que 6 6ste o grande assunto — para a cor6a de gl6ria dum pol6tico!

A. L. DE CARVALHO;

Trabalhos Femininos

Escola Industrial

Est6 aberta, at6 ao dia 20 do corrente, a matricula na Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», ao Proposto, para um curso diurno destinado ao aprendizado pr6tico de labores e trabalhos manuais.

E' professora d6ste curso feminino a sr.ª D. Maria Agonia Cardoso, ex-professora no Col6gio de N. S. da Consola76o e Santos Passos, dama muito distinta pela sua ilustra76o e profientes conhecimentos de ensino.

O programa d6ste curso consta dos seguintes trabalhos: Rendas de bit6ros (Viana, Peniche e Inglesa); Flores; Bordados a branco, a matiz, a escomilha; Crochet; Frutos de seda e de cera; Pirogravura; Corte e costura.

Pelos Correios

V6rias vezes temos recebido queixas dos nossos presados assinantes de n6o receberem com regularidade este jornal.

Tamb6m j6 temos recebido jornais com a nota de devolvidos sem que o destinat6rio tal autorise.

Come7aremos a participar os casos que se forem dando afim de se p6r c6bro a tais abusos.

Felizmente que s6o poucos os deposit6rios de Caixas-postais de quem temos queixa, pois outros excedem mesmo a sua obriga76o, prestando assim bons servi76os ao p6blico.

Consta-nos que se pensa em crear na freguesia de S. Martinho de Conde uma caixa de Correio. E' uma medida acertada e, sob todos os pontos de vista, justa. Actualmente o correio vai para Moreira de C6negos ficando a alguns quil6metros de dist6ncia, causando grandes transtornos.

Sabemos que em Conde h6 pessoa s6ria que se prontifica a tomar conta do posto.

A el6ctrica

H6 meses j6 que a el6ctrica aparece, j6 noite cerrada, e em tal estado de fraqueza, que parece sofrer de anemia.

A pobresinha, coitada, naturalmente cansada de tanta labuta, recolhe-se a penates, 6i pela madrugada, deixando a cidade mergulhada nas mais densas trevas.

Nas casas, se n6o se est6 prevenido, corre-se o risco de algum desastre se, por ventura, nos for preciso procurar qualquer objecto ou chamar algu6m que nos socorra em ocasi6o de doen7a.

Dizem-nos que 6 a falta de 6gua a causadora d6ste mal, mas, para remediar essa falta, h6 carv6o e lenha para produzir a energia precisa... embora mais dispendiosa.

Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda»,

EM GUIMAR6ES

ANO LECTIVO DE 1925-1926

Resultado da Frequ6ncia

Resultado da frequ6ncia

LINGUA FRANCESA — 1.º ano

Alcindo Ferreira Martins, 12 val.; Alexandrino Gon7alves da Costa, 11 val.; Antonio Augusto Almeida Carneiro, 12 val.; Antonio Vieira Novais, 11 val.; Carlos Ferreira Martins, 12 val.; David da Rocha Braga, 17 val. (dist.); Domingos Magalh6es Sousa Bastos, 10 val.; Isac Ferreira de Oliveira Guimar6es, 12 val.; Joaquim Leite Monteiro, 11 val.; Jos6 Ferreira Martins, 11 val.; Jos6 da Silva Ribeiro, 10 val.; Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, 16 val. (dist.); Manuel Pinheiro, 16 val. (dist.); Pedro Paulo de Castro Garcia, 15 val. (dist.).

Perderam o ano por falta de m6dia ou por faltas 26 alunos.

ARITM6TICA COMERCIAL (1.º ano)

Alcindo Ferreira Martins (15 val. (dist.); Alexandrino Gon7alves da Costa, 11 val.; Antonio Augusto Alves Carneiro, 12 val.; Antonio Jos6 Fernandes Guimar6es, 10 val.; Antonio Vieira Novais, 13 val.; Bento Ferreira da Cunha, 11 val.; Carlos Ferreira Martins, 15 val.

(dist.); David da Rocha Braga, 16 val. (dist.); Isac Ferreira de Oliveira Guimar6es, 11 val.; Joaquim Leite Monteiro, 13 val.; Jos6 Ferreira Martins, 10 val.; Jos6 da Silva Ribeiro, 10 val.; Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, 16 val. (dist.); Manuel Pinheiro, 16 val. (dist.); Pedro Paulo de Castro Garcia, 16 val. (dist.).

Perderam o ano por falta de m6dia ou por faltas 25 alunos.

GEOGRAFIA COMERCIAL (1.º ano)

Alcindo Ferreira Martins, 17 val. (dist.); Alexandrino Gon7alves da Costa, 13 val.; Antonio Augusto Almeida Carneiro, 13 val.; Antonio Jos6 Fernandes Guimar6es, 13 val.; Antonio Vieira Novais, 14 val.; Bento Ferreira da Cunha, 12 val.; Carlos Ferreira Martins, 17 val. (dist.); David da Rocha Braga, 18 val. (dist.); Isac Ferreira de Oliveira Guimar6es, 11 val.; Joaquim Leite Monteiro, 12 val.; Jos6 da Silva Ribeiro, 10 val.; Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, 18 val. (dist.); Pedro Paulo de Castro Garcia, 17 val. (dist.).

Perderam o ano por falta de m6dia ou por faltas 25 alunos.

Publicações

«Anita»

A considerada e bem conhecida casa A. Figueirinhas, no intuito louvável de purificar os sentimentos, vem desde há muito espalhando no mercado uma série de obras moralisadoras, bem dignas de figurar em todas as bibliotecas das famílias.

Nesta conformidade acaba de editar mais um modelar romance, cujo título nos serve de epigrafe, e que recomendamos ás nossas estimadas leitoras, não só pela harmonia do seu admirável enredo, mas muito principalmente pela sua grande concepção moral e puros ensinamentos.

«Anita» não é um romance vulgar em que as scenas d'amor se repetem a cada passo, por vezes cheias de imoralidade, mas sim uma obra em que impera o sentimento religioso, a par d'um amor purissimo e sincero, nascido espontaneamente no coração d'um artista protestante. que pela sua elevada intelligência e vastos conhecimentos da vida, veio a encontrar a verdade pura e simples, que tanto anceava, no seio da religião católica, á qual se converteu.

Este romance além duma leitura agradável e atraente, por vezes emocionante, torna-se digno da nossa admiração, pelas boas lições de moral que encerra nas suas páginas cheias de mimo e duma simples compreensão.

Ao seu autor M. Delly, que não carece dos nossos encomios, enviamos sinceros parabens, felicitando ao mesmo tempo a casa editora A. Figueirinhas, pela bella tradução que acaba de lançar á luz da publicidade.

Os nossos agradecimentos pela gentileza da oferta.

O Tripeiro — Recebemos o n.º 18 desta interessante publicação portuense, com o seguinte sumario:

«O Padre Balthazar Guedes» (com retrato); «Jornais da minha terra» por Alberto Bessa; «Notas a O TRIPEIRO»; «Velharias tripeiras» por Henrique Cezar; «Regimentos que já teve o Porto» por C. L.; «Outros tempos» (com gravura) por Alberto Pimentel; «Curiosidades portugalenses» por Henrique Cezar; «Aspirações populares» — Subsídios (II), por J. M. Gonçalves Viana; «Medalha portuense em 1799 (com gravura) por Catão Simões; «A antiga capella de Nossa Senhora da Lapa das Confissões» por Carlos A. d'Aguiar; «Arrolamento dos bens da Sé do Porto» (com gravura); «Ha trinta e quatro anos» — Uma festa theatral memoravel, por Um amigo do passado; «A capella da Batalha» (com gravura); «Uma manifestação anti-jesuítica em 1846» por A. L.; «Correspondencia entre leitores» — Respostas — Novas perguntas; «Correspondencia do Policia».

O Jornal de Felgueiras — Este nosso presado colega transcreveu o artigo literário «Homens lindos» do nosso estimado colaborador RUY DE LENCASTRE.

Os nossos agradecimentos.

VIDA DESPORTIVA

Ainda e sempre o do cotovelo

Como na conhecida fabula, a montanha deu á luz um rato. Não um rato de pelo luzidio, vivo, fino, mas um rato lazarento, aleijado, estúpido: um mostrengo.

O mentiroso réles, o trapaceiro ordinario continua a trapacear, continua a mentir.

Desta vez não se limitou a 2 columnas e tal de prosa chula: já avançou para 3 e tal. Neste crescendo assustador de ligeiras referencias como ele diz, com que pretende embasbacar os parvos, — oh patêgo, olha o balão! — breve chegaremos ao ponto de as 24 horas que o dia tem serem insuficientes para se lêr tudo quanto o homensinho escrever com os pés.

E afinal, leitor amigo, depois de pacientemente teres g'omado aquilo tudo, tu fizeste ao teu espirito a mesma pergunta que eu fiz, tu chegaste por certo á mesma conclusão que eu cheguei.

Em perto de 300 linhas — vae reparando, leitor, nesta loucura assustadora de linhas! — ó o insulto se nota, no jento como quem o escreveu, vil como parece ser o caracter d'aquelle que não tendo com que se defender, deixando de pé quanto afirmamos, inclusivamente o epíteto de mentiroso e de trapaceiro, hoje mais do que nunca provado, julga abocanhar o adversario ao falar da profissão honesta que elle livremente escolheu, e em que se tem mantido sem deshonras, o que é tudo.

O meu desprezo é tão grande quando vejo *creaturas* deste jaez lançar mão de processos tão baixos e tão mesquinhos, proprios só de garotos, que um esgarço lançado ao seu rosto seria honra demasiada.

Lembro-lhe, trapaceiro nojento, que todo o trabalho nobilita e que nenhuma profissão é deshonrosa. A verdade é que aquele que tanto desdenha do trabalho com que os outros vão honestamente ganhando a sua vida, parece dar a impressão de ser um vadiote qualquer.

Lembras-te, leitor, do desprante com que o do cotovelo, todo ancho, todo lampeiro, firmado na sua prosapia de parvo alegre, afirmou mentirosamente que a meio do *desafio* Braga-Fafe a assistencia de Guimarães desapareceu da Povoia como por encanto, cobardeamente, talvez com medo aos *leões*, aos *valientes*, aos *caceteiros* de Fafe?

A' espera ainda da prova desia afirmativa, que é uma descarada mentira, outra surge já, mais nojenta, mais vil, se possivel é.

A sencerimonia, a desfaçatez, com que elle afirma que o «Espectador» mendigou o auxilio dum estranho para este fazer a sua defeza.

Habitvado ha tantos anos a esta vida de jornal — é certo que hoje muito mais afastado do que noutros tempos —, tendo dirigido com um rapaz amigo um

jornal desta cidade que marcou no meio vimaraneuse, digo-o com desvanecimento, escrevendo para jornais de diversas localidades, acostumado nessa vida de tantos anos a terçar armas com creaturas de muito mais prestigio e valor que o do cotovelo, estás a ver, leitor, que era preciso irmos procurar um estranho para nos acudir, só porque um fatense qualquer, que não passa dum homem como os demais, embora julgue que é mais que os outros, se lembrou de dizer-nos duas baboseiras e dirigir-nos duas pedradas como os garotelhos das ruas.

Todos quantos nos conhecem sabem, felizmente, que isto é a expressão da verdade, e isso nos basta.

Julga-se este *homensinho* de Fafe alguem; lêde o que elle escreve: e só vereis falar em puxões de orelhas, em lições que se terão de grammar, em mandar tudo para o manêta, etc. Conhecer Bernardes, Vieira, Camilo? Só ele, só elle é que os conhece; os outros só os conhecem de nome ou de estampa. Pateta!

Que sabes tu da muita ou pouca cultura de quem estas linhas escreve? Como podes vir afirmar que este só conhece de estampa u de nome os auctores que citou? Que conhecimento tens tu das suas predilecções literarias, dos auctores que mais admira e lê, dos seus conhecimentos literarios, daquilo que no vasto mundo das letras consegue prender mais o seu espirito? Julgas porventura, pobre parvo!, que o grau de cultura se avalia por uma carta de bacharel, pela maior ou menor fortuna dum individuo, ou pela maior ou menor prosápia dum desmiolado, como tu?

A calunia, a mentira, em ti, são uma tara. Não podes fugir á sua influencia. Domina-te, vence-te. E's um manequim sob a sua acção.

Mas onde tu és dum ridiculo sem par, dum comico irresistivel, é quando no «Fafense» de 21 de agosto nos falas nos «*graves tumultos* ocorridos em Guimarães», a quando do desafio das festas, e quando nos afirmas com um desprante que roça pela idiotice, que o sucedido na Povoia entre os grupos de Braga e Fafe constituiu — pasmae, oh gentes! — «um futilissimo incidente».

Os jogadores socam-se em campo, rasgam a camisola ao Keeper Moraes, intervem a força armada, o campo de jogos é invadido pela tal assistencia *correctissima* de Fafe, que só a força publica consegue deter, Alberto Augusto pretende abandonar o campo com os seus homens, e isto, senhores, constitue para o óco chronista de Fafe «um futilissimo incidente». Em compensação ao que aconteceu em Guimarães, que ficou muitissimo aquém do que se passou na Povoia, chama o mesmo desmiolado «*graves tumultos*».

Imprensa

«O Realista» — Depois de uma suspensão, por não se conformar com o ex-presidente de censura, nos Arcos de Val de Vez, voltou a publicar-se este nosso colega, órgão da Causa Monárquica naquela Vila.

«A Restauração» — E' o título de um novo colega que em Loanda começou a sua publicação. Pelo primeiro número que tem um belo aspecto e insere ótima colaboração, vemos que é mais um valoroso combatente pela Causa Monárquica.

Ao novo colega enviamos os nossos cumprimentos e desejamos as melhores felicidades.

Apreciem a imparcialidade d'este varão.

Pobre d'espirito a deitar abaixo todos os dicionarios da livraria á procura de salvação, como o naufrago que no imenso mar procura em vão um ponto de apoio. E pretende continuar a impingir-nos como *ligeiras* referencias maçadorias de meia pagina e tal de prosa indigesta. Puxe, embora, pelas orelhas á palavra, vá-nos impingindo embora a *rapidez* e a *ligeiraza* de columnas e columnas de prosa: nós continuamos na nossa opinião, continuamos a não comprehender essa *ligeiraza* e essa *rapidez* de... caranguejo. Nem admira que não comprehendamos: os mortaes não podem atingir as palavras dos deuses.

O que é facto é que o homensinho delira por se vêr metido em tão altas cavalarias. Mas como este delirio não será por certo continuo, e como a lucidez virá, embora por breves instantes, iluminar aquele cerebro cheio de teias de aranha, desejavamos que o senhor do cotovelo, num desses momentos mais lucidos, nos dissesse, sem ambages, sem se enganar, quem foi esse estranho que nos veio auxiliar na nossa atrapalhão, apresentando-nos as provas da sua afirmativa.

Afirmações d'estas não se fazem levemente, sem testemunhos. Esperamos pois, por essas provas que nos vão decerto confundir e deixar mal collocados. Se assim não succeder, com o mesmo direito, com a mesma razão, e com a mesma energia com que hontem lhe chamamos *mentiroso* e *trapaceiro*, lhe chamaremos amanhã *garoto*.

ESPECTADOR.

ra, ou o silêncio sepulcral das montanhas!... A mesma natureza parece dominada por austeras e funebres tristezas: da minha janela descubro os cerros sombrios e nus, de fronte veladas nuns sudários de neve; lá em baixo, os ramos despídos dos olmos, no centro do vale, erguem-se para os céus como braços em attitude supplicante; os castanheirais seculares, nas encostas de Saint-Savin, oscilam as formas fantásticas de seus troncos nodosos e galhos caprichosamente entrelaçados; nuns sibilos plangentes, remoinha o vento nas sinuosidades do bosque, onde o arvoredo, inclinado ao impeto da rajada, exala uns prolongados e sinistros rumores; cupula d'estes campos desolados, destaca-se o azul frio dum céu desnublado, vasto e ininterruptamente impasível!...

Para onde foram os encantos das florestas, os arroubos deleitosos da primavera?

Porque se me apresenta a natureza em viuvez, semelhante a uma mãe lastimosa, que abrindo os braços a seus filhos para abraçá-los a última vez, apenas estreita ao coração umas sombras vaporosas?

A estas horas, ai! a França, a cara França, ella também, é mãe desditosa, soerguendo-se mutilada do meio de escombros, evocando em vão seus filhos, exanimados nos campos da batalha, sepultados entre a neve e o sangue! «Que são nossas angustias e nossas dores?... Ah! vinde e vê le os ciprestes, escutai a voz plangente da ave nocturna, e prosegui vosso caminho por sobre os trônos e os templos derrocados. Vós, cujas agonias são o mal dum dia, tendes a vossos pés um mundo tão frágil como a argila de que somos for-

descançar nos braços do meu Deus, do Deus da clemência e da misericórdia... Mas, ai! um receio, um pavor invencível me suspende, me retém de continuo! Sinto medo da Cruz, que se levanta deante de meus olhos, como o símbolo vivo dum sacrificio perpétuo, a predição lúgubre duma dor que não conhece tréguas. Assustam-me as renúncias que Deus de mim exija, as provas que porventura me imponha, se me decido a entrar nas regiões duma vida piedosa. Ai! eu tenho medo!...

Em tanto que estes contradictórios sentimentos efervesciam tumultuosamente no âmago de minha alma, Joana e seu irmão, ajoelhados, oravam, absortos em sensível fervor. Ao contemplar André, prostrado junto do altar, lembrei-me desses intrépidos paladinos da idade média, que antes de correrem ao combate, vinham requerer ao sacerdote lhes abençoasse a espada fiel.

No fim da missa, chegado o momento da separação, lançou Joana ao pescoço de seu irmão um escapulário que havia coberto de beijos e de lágrimas. Supuz que André mal poderia partir para a guerra sem levar uma recordação minha, e disse-lhe:

—Far-me-á a mercê, André, de aceitar-me esta medalha? Seja ella para si um escudo invencível nas horas de perigo, e possa preservá-lo da menor sombra de mal.

Olhou-me, extremamente comovido, levou a medalha aos lábios, e murmurou:

—Obrigado, senhora, obrigado! Ha-de ser um

CARTEIRA

Aniversários

Durante a semana fazem anos as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

Domingo 19—Conde do Paço de Victorino.

Terça 21—D. Augusta de Freitas Costa, D. Olympia de Freitas e José Teixeira dos Santos.

Quarta 22—Condessa da Carreira e Sebastião Teixeira de Carvalho.

Quinta 23—D. Julieta Fernandes de Freitas Barbosa d'Oliveira e João Saraiva de Carvalho Brandão.

Sexta 24—Visconde do Paço de Nespreira e João Pereira Mendes.

Sábado 25—D. Maria de Belém Correia e Alvaro Ribeiro de Faria.

Doente

Tendo-se agravado os seus padecimentos, encontra-se gravemente doente o sr. Domingos Salgado Guimarães, sócio da Empresa Textil e Comercial de Guimarães.

Partidas e chegadas

—Regressou da Póvoa de Varzim o sr. Abílio Cruz.

—Tem estado na sua Quinta de Miogo com a ex.^{ma} família o sr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro.

—Esteve nesta cidade o sr. dr. Alberto Veloso d'Araújo de Famalicão.

—De visita a família sua, tem estado em Guimarães o nosso bom amigo sr. João Alves Pereira de Macedo.

—Regressou da Póvoa de Varzim o sr. dr. Isaias Vieira de Castro.

Casa Editora de H. Figueirinhas
NOVIDADES LITERÁRIAS

«Biblioteca das Famílias»

Acabam de sair mais os seguintes volumes, ao preço de 10\$00, constituindo mais um triunfo literário para esta acreditada Casa Editora.

O Crime do Pai, por M. Marian.

A Ilha Azul, por Georges Thierry, tradução de Florbella Espanca Lage.

A Isteriosa Bem-Amada, por Guy Chatepleure, tradução de Oldeiro Cesar.

O Erro de Isabel, por Maryan, tradução de Manuel de Melo.

A Culpa Alheia, por Ardel.

Alma Angélica, por Dély, tradução de Domingos Guimarães.

OUTROS LIVROS

A Arte de Economizar e Poupar, por Marden, tradução de António P. das Neves Pereira — Preço, 9\$00 Esc.

Confos de Perrault N.º 15, coleção de A. Figueirinhas. Preço, 3\$00.

-Correspondências-

Taipas

Sabemos que na passada segunda-feira foram intimados a comparecer na Câmara Municipal vários empregados da mesma. Sabemos mais que, ouvidos isoladamente, declararam alguma coisa do que sabiam respeitante ao ex-vereador democrático sr. Abílio Oliveira.

Está, pois, confirmada a 4.^a pergunta feita pelo «Ecos» à «Velha Guarda» e a afirmação da nossa última correspondência.

Resta a continuação do inquérito que, dado o espírito de rectidão da nova Comissão Administrativa, não ficará por aqui, sendo entregue ao Meretíssimo Juiz de Direito.

—Pedem-nos para chamar a atenção da Câmara para a contínua falta de luz nesta povoação.

Efectivamente vimos notando desde há muito, essa falta, principalmente depois da meia noite, não se importando o sr. Jordão com as constantes reclamações. E já que assim é, pedimos à Ex.^{ma} Câmara que, com a lei na mão, o obrigue ao cumprimento do contrato.

Aproveitamos também a ocasião para lembrarmos à mesma Câmara a conveniência e necessidade na colocação de bancos no jardim público aonde nenhum existe.

Essa colocação não ocasionava despesa alguma, visto possuí-los e estarem presentemente a servir uma propriedade particular, e não nos consta que tivessem sido adquiridos em arrematação pública.

—Foi hoje o primeiro dia de caça. Os aficionados tiveram um dia cheio. Dizem-nos que é um ano abundante principalmente de perdizes e coelhos.

—Nestes últimos dias tem retirado muitos aquistas, notando-se consideravelmente essa falta. Mais quinze dias e temos a época terminada.

—Alguns proprietários já principiam com as vindimas, dizendo colherem um terço do ano transacto. A ser assim, teremos, para o fim do ano, o vinho caríssimo, a não ser que o «m rtele» funcione.

Os cereais também aumentaram de preço. Prevê-se um ano mau.

—Montou consultório nesta povoação o novel e inteligente médico dr. Joaquim Teixeira Araújo.

Dados os seus dotes e aptidões é de esperar um futuro próspero. — C.

Dr. Alberto Baptista

Doenças da boca, dentes e maxilares

Rua Eugenio dos Santos, 36

LISBOA

- - - Várias - - -

1.º de Dezembro de 1640

Sabemos que o nosso prezado amigo sr. António Vieira de Andrade, digno tesoureiro proposto da Fazenda Pública conseguiu organizar, nesta cidade, o Núcleo do 1.º de Dezembro de 1640, agremiação nacional, com sede em Lisboa.

A Direcção é composta dos seguintes cavalheiros:

Dr. António do Amaral Pinto e Freitas, presidente; Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, vice-presidente; António Vieira de Andrade, 1.º secretário; P.º Alfredo Correia, 2.º secretário; Jerónimo Sampaio, tesoureiro.

O fim desta instituição, isenta de política, é exclusivamente pelo engrandecimento e integridade de Portugal.

Farmácia aberta

Está domingo de serviço a Farmacia Rodrigo Dias, da Rua da Rainha.

Exame

No mês de Julho passado efectuaram-se em Vizela, sob a presidência do digno Inspector Escolar do Círculo, os exames de 5.ª classe, sendo classificado com 19 valores o aluno António Ferreira de Oliveira Guimarães, de Moreira de Cónegos.

Ao seu ilustre professor Ex.^{mo} Sr. António Ferreira Alves Lemos vem o pai do referido aluno, em sinal de profunda gratidão, agradecer a maneira brilhante como preparou seu filho durante o ano lectivo de 1925-26, bem como também ao Ex.^{mo} Inspector do Círculo que, fazendo justiça ao valor intelectual do digno Professor de Moreira de Cónegos, classificou o examinando como devia.

Moreira de Cónegos, 22 de Agosto de 1926.

Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães.

NOTICIÁRIO

Dr. Adriano C. Carvalho

Foi colocado em Guimarães, como Sub-Delegado do M.º Público, o sr. dr. Adriano Vieira Campos de Carvalho, natural da vizinha Vila de Fafe.

A' Sombra da Cruz

Faleceu ontem, na freguesia de Polvoreira, a Senhora D. Rita Pereira Alves Pouzada, mãe do sr. Luís Ribeiro Pouzada, activo gerente do Banco Nacional Ultramarino desta cidade. Sentindo e acompanhando na dor que fere o coração do sr. Luís Pouzada, o «Ecos de Guimarães» envia-lhe os seus cumprimentos de pesar.

De luto

Pelo falecimento de sua mãe, encontra-se de luto o sr. Francisco Faria, habil solicitador.

Os nossos cumprimentos de sentidos pêsames.

Aos estudantes

No próximo dia 25 do corrente aceitam-se no liceu de Martins Sarmiento, desta cidade, os requerimentos pedindo matricula na-quele estabelecimento de ensino secundário. O prazo termina no dia 30 do corrente.

Romaria de S. Mateus

No domingo, 26 do corrente, realiza-se na freguesia de Gonça a conhecida romaria a S. Mateus que costuma ser muito concorrida.

José de Souza Amante

Tivemos ontem o prazer de abraçar este nosso prezado amigo que actualmente reside em Braga.

Missa do 30.º dia

Na próxima quarta-feira, 22 do corrente, realiza-se pelas 9 horas na Basilica de S. Pedro, uma missa, sufragando a alma do inditoso empregado comercial António Cardoso Garcia.

E' mandada celebrar pela família.

Aos incautos

Previnem-se os srs. proprietários que tenham vinhos para vender, que não realizem transacção alguma com Manuel Ribeiro, com estabelecimento dos mesmos a retalho á rua de S. Dámaso, n.ºs 65-69 desta cidade, sem primeiro se informarem com Joaquim da Silva Machado, morador na Quinta dos Cravos — Vizela.

talisman contra os golpes dos inimigos, e bendigo a Deus por tê-lo recebido das mãos de v. ex.^a.

Em seguida, tomando as minhas mãos, que estreitou com as de Joana, continuou gravemente, como numa recomendação suprema:

—Confio-as uma á outra, e ambas á Providência divina. Vele Deus sobre vós ambas, minhas irmãs, e permita Elê me seja dado ainda tornar um dia a ver-vos na vida presente!

«Minhas irmãs!»... Que palavra! Sim, consagra-lhe um amor... verdadeiramente fraternal, e com toda a alma desejo o defenda o bom Deus e não-lo restitua, em breve, salvo aos perigos da guerra.

SEGUNDA PARTE

1871

Val, 1 de Janeiro de 1871.

Que desgostos nos dará este novo ano que hoje se levanta ameaçador, involto nas dobras negras do futuro?...

Desventurada França, que anceios por tua causa agrident meu pobre coração! Em presença de tamanhos desastres, de tão profundas dores, mal devia eu prantear a minha maguada sorte, visto que meu pai, pela vergonhosa capitulação de Metz, se encontra hoje na Alemanha, prisioneiro sim, mas longe, ainda bem! das contingências assustadoras da guerra. Neste dia, porém, impedida de o saudar no ano bom, recessa de que possa estar deente, sem me ter a seu lado, a tratá-lo, a consolá-lo, ah! é-me a separação infinitamente mais tormentosa!...

Como, na vida, tudo muda num instante! Hoje, em Paris, em vez do tumulto ruidoso e alegre desta época de gratas recordações, o eco lúgubre da guer-